FERNANDO BARRETO

Figurativismo e Abstracionismo na Arte Prehistórica

TESE DE CONCURSO PARA LIVRE DOCENTE DE DESENHO ARTÍSTICO DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO BRASIL

RIO DE JANEIRO—1958

Fernando Barreto

FIGURATIVISMO E ABSTRACIONISMO NA ARTE PREHISTÓRICA

Tese de concurso para livre Docente de Desenho Artístico da Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil.

Rio de Janeiro - 1958

4173/30-05-2016

FIGURATIVISMO E ABSTRACIONISMO NA ARTE PREHISTÓRICA

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para o presente estudo não constitue, sem dúvida, em sua essência, assunto de todo inédito. Pelo contrário, tem sido abordado sob diversos prismas e ainda há de fornecer muita matéria prima para novas e mais profundas pesquisas, não apenas pelo fato de ainda não se haverem esgotado os especímes da arte prehistórica, como também porque cada dia mais se aperfeiçoam os instrumentos e métodos de análise.

Nosso objetivo, portanto, consistirá numa tentativa de conduzir nosso estudo para um terreno, tanto quanto possível, mais objetivo e esclarecedor.

Por julgarmos que o desenho é disciplina básica para o ensino das artes plásticas, chegamos à conclusão de que não menos importante seria empreender sua utilização formal como elemento de expressão artística.

Se optamos pela Prehistória foi exatamente porque nela ocorreu, no campo artístico, o predomínio do desenho e ainda porque, através dêle tornam-se patentes os dois planos da percepção, isto é: o visual, através da figura, e o mental, através de sua abstração. Daí o tema: figurativismo e abstracionismo na Prehistória.

Admitindo-se, com Cheldon Sheney, que o instinto artístico é universal, nao podemos negá-lo mesmo ao homem que se encontra nos mais baixos níveis da Idade da Pedra. Desde milênios, na luta incessante pela sobrevivência, cercado pelas mais rudes condiçoes mesológicas, seu objetivo tem sido o de sobrepor-se ao determinismo do meio, mediante principalmente o aperfeiçoamento de suas faculdades espirituais.

Em todos os setores da sua vida, em tôdas as épocas, encontrou o homem sua maior fôrça de expressao na arte, quer para externar as descobertas de sua inteligência ou suas emoçoes, suas vivências interiores e convivências exteriores. E, através dessa expressao artística, depreendemos, com bastante clareza, a formaçao de suas idéias e o aperfeiçoamento de suas experiências técnicas.

A arte para o homem, tornou-se uma açao alternativa entre êle e o objeto. Ora é mais comunicativa ou mais expressiva, ora é física ou metafísica, ora é figurativa ou abstrata. No seu campo diário de luta, isto é, na natureza em que vive, encontra os elementos que vao sugerir, inspirar seu instinto artístico.

No decorrer dêste trabalho nao é intuito nosso emitir juízos a respeito do valor dessa ou daquela modalidade de arte e sim objetivar, tanto quanto possível, a maneira de ver e criar, aspecto êste importantíssimo tanto para o ensino como para a compreensao da arte.

Por julgarmos que o figurativismo e abstracionismo constituem tao sòmente meios técnicos de expressao, nao incidiremos na pretensao de apresentar classificaçoes de arte.

Embora morfològicamente diferentes, alguns têrmos serão para nós sinonimos, mesmo que signifiquem cambiantes de outro mais genérico. Assim, naturalismo e realismo serão figurativismo e o geometrismo equivalerá a abstracionismo.

FIGURATIVISMO E ABSTRACIONISMO

Nas manifestações históricas das artes visuais, há dois processos que, às vêzes, se alternam quando não são utilizados concomitantemente. São êles o figurativismo e o abstracionismo. Muito embora os meios de expressão sejam comuns, isto é, a linha a côr, a forma e o volume, figurativismo e abstracionismo, em princípio, são antagônicos. O primeiro busca diretamente na natureza os seus motivos, ao passo que o segundo prescinde dela ou a utiliza apenas como matéria prima remota de percepções intelectivas.

Embora divirjam entre sí, um e outro encontram seus momentos de aproximação. Em tôda obra figurativa há sempre alguma abstração, assim como em tôda obra abstrata há sempre um pouco de forma figurada. Como exemplos, poderíamos citar os exemplares naturalistas do Paleolítico, a arte escultórica clássica do Séc. V A.C., na Grécia, a arte contemporânea depois do cubismo francês e futurismo italiano, com um Picasso, um Klee, Kandinsky, Mondrian, etc.

As artes naturalísticas, realísticas, impressionistas, expressionistas, etc., denominâmo-las figurativas. Nela a realidade objetiva do mundo visível é captada e interpretada expressivamente.

A totalidade dos sêres da natureza, animados ou inanimados, constituem motivo, temas específicos dessa arte. O espaço e

o tempo são suas coordenadas. É menos inventiva que imitativa. O belo artístico é expresso, quando não realisticamente, de maneira convencional, dentro de determinados cânones ou leis preconcebidas.

O figurativismo é, em suma, a objetivação da realidade apreendida através dos sentidos, acrescida da contribuição individualíssima do artista, variável de acordo com suas aptidões, tendências, temperamento, educação etc.

Consideramos como abstracionistas as artes comumente conhecidas como geométricas, ornamentalistas, convencionalistas, idealistas, cubistas, futuristas, etc. Nelas a representação é mais sintética, partindo de um processo mental do artista. Diríamos que é endógena e contraposta à figurativista que se inspira tão sòmente na natureza. Sendo esta estática, diríamos que aquela é dinâmica, não apenas por não estar adstrita à realidade, como por prescindir das coordenadas do tempo e do espaço.

O belo é procurado não no modêlo mas na forma como é expresso.

O vertiginoso progresso científico verificado em nossos dias tem colocado à disposição dos geologos, paleontólogos, arqueólogos e antropólogos grande número de novas técnicas e instrumentos de pesquisas, graças aos quais é já possível delinear um retrato cada vez mais preciso e fiel da cultura do homem prehistórico.

A antiguidade dos restos humanos é aferida de acôrdo com as camadas do terreno em que se encontram e não conforme seu primitivismo morfológico. Objetos de forma primitiva podem denunciar uma cultura primitiva, inclusive de povos ou grupos humanos nossos contemporâneos. Nas remotas fases da infância da humanidade, refere Obermaier, os nomes de povos e de personagens desaparecem, mas é possível conhecer-se seus ciclos culturais, com grande clareza: é possível mesmo seguí-los cronològicamente, através de suas andanças determinadas pelas condições climaticas; outras vêzes, entrevê-se sua evolução nêsse ou naquele sentido, seus cruzamentos com povos de outra cultura. (H. Obermaier y Garcia Bellido - "El hombre prehistórico y las origenes de la humanidad"- in Manuales de la Revista de Ocidente - Madrid).

Sob o ponto de vista da Arte, começam a oferecer interêsse os restos humanos que se classificam nos remotos tempos da Pedra Lascada, isto é, do Paleolítico que se situa na Era Quaternária ou Pleistoceno. Nessa época deviam os continentes apresentar, mais ou menos, os perfis atuais, muito embora bem diferentes fos

sem as condições climáticas, responsáveis, posteriormente, pelo intenso trabalho de erosão e sedimentação. Glaciares cobriram enormes massas continentais e, ora regredindo, ora se ampliando, repetiram-se durante o Pleistoceno, dando origem às fases seguintes: 1a. Glaciação de Günz e interglaciação de Günz-Mindel. 2a. Glaciação Mindel; 3a. Glaciação de Mindel-Riss (de grande duração); 4a. Glaciação de Riss; 5a. Glaciação de Riss-Würm; 6a. Glaciação de Würm, com três etapas de retrocessos e paradas.

Diversas têm sido as divisões propostas para o Paleolítico. Obermaier e G. de Mortillet dividem-no em duas fases: o superior e o inferior. No primeiro distinguem os períodos Chelíano, Acheliano e Musteriano e no segundo o Aurinaciano, o Solutreano e o Madaleniano.

Mais recentemente, Breuil propôs uma outra divisão do Paleolítico: superior, medio e inferior, ocorrendo nos mesmos distintas culturas de diferentes origens e desenvolvimento independente, sincronizando com os períodos dos glaciares e interglaciares.

Não constituindo nosso objetivo entrar na análise dessas divisões, inclusive porque sôbre as mesmas não concordam entre si os geologos, partiremos do ponto ou epoca mais provável dos achados arqueológicos mais antigos. Sem dúvida, parecem situar-se no Paleolítico superior, na quarta glaciação, no Aurinaciano, segundo os pesquisadores da arte prehistórica.

Insistindo em que o têrmo Paleolítico ou Idade da Pedra não se refere a um determinado período de tempo e sim a uma etapa da cultura humana, cujos limites cronológicos variam no tempo e no espaço, ocorre frizar que o mesmo parece ter tido início na Europa ocidental, com o aparecimento de novas raças e novas culturas.

A vida do homem do Paleolítico transcorria em estado de nomadismo circunscrito a regiões limitadas. No inverno, abrigava-se em grutas e lapas, ou então em escavações recobertas com peles, galhos e espinhos a fim de se protegerem dos animais daninhos.

J. Perez de Barradas (Manual de Antropologia - Cultura Clássica y Moderna - Madrid - 1946) acredita que o homem do Paleolítico é de origem meridional. Era primitivo, mas não selvagem como os atuais primitivos e estava intelectualmente avançado de muitos séculos sôbre o seu estado material. Acentua o mesmo autor que se assim não fôra, jamais o homem dessa recuada época teria saído de sua miserável condição, tão adverso era o meio em que vivia. Sôbre seu antecessor, o homem do período musteriano - que, na verdade, foi o iniciador das primeiras tentativas artísticas, apresenta progressos realmente notáveis, dêle diferindo inclusive fisicamente.

Integrando pequenas hordas, movimentava-se continuamente, à procura de caça e abrigo seguro. Desconhecendo a agricultura e

bem assim a domesticação de animais, vivia da colheita espontânea do que a natureza lhe proporcionava. De preferência, caçava animais herbívoros, tais como o elefante antigo (trogontherio mamuth), o hipopótamo, rinoceronte lanudo, cavalos, bovinos, bisonte, rena, javali, antílopes e outros.

A sua grande indústria caracterizava-se pela larga utilização do osso, trabalhado pelo silex com ponta de dorso rebaixado e por raspador de ponta pedunculada. Adornos corporais eram frequentes.

Com êsse homem primitivo nasceu a arte rupestre.

FIGURATIVISMO NA ARTE DO PALEOLÍTICO

É privativa do homem a capacidade de perceber-se a si mesmo, analisar-se e situar-se dentro da natureza que o cerca. Com essa arma fantástica que é o raciocínio, formula idéias e abstrações, compara e infere conclusões que lhe permitem, num meio inteiramente adverso, não apenas manter-se, como progredir e criar sistemas de ética social, religiosa, inventa mitos para explicar os fenômenos naturais que escapam à sua compreensão, estabelece cerimônias, ritos, cria tabus. Evoluindo mentalmente, manifesta-se principalmente por meio das artes.

É no período Aurinaciano que vamos encontrar as manifestações artísticas mais remotas do homem. O "homo sapiens", Cro-Magnon, Chancelade, Grimaldi, não importa sua raça, emergindo de uma letargia milenar para o mundo do sentimento e da percepção mais aguda, manifesta-se toscamente, por meio de ranhuras sôbre a superfície óssea, sôbre o mural da caverna ou mesmo modelando a argila, exatamente como procedem os atuais primitivos, na busca da forma real do objeto ou ser que o impressiona.

Lentamente vai adquirindo a destreza manual, aperfeiçoa seus instrumentos de trabalho, educa sua percepção e sensibilidade. E as gerações se sucedem nêsse esfôrço comum e permanente de fixar a realidade. É no Madaleniano, após o Solutreano, que vamos encontrar os melhores exemplares do que restou da arte dêsse nosso antepassado. A acumulação de experiências e de conhecimentos sucedem-se durante séculos para renascer logo a seguir, evoluir e

culminar para, novamente, decair e assim sucessivamente.

Cabe aqui, à propósito, uma pergunta: a que tendência ou estilo se prendia essa arte primitiva? Ao naturalismo ou geometrismo?

São profundas as divergências, as controvérsias a respeito.

Worringer, um dos iniciadores da estética moderna, assim se exprime:

> "Dondequiera que podamos enterarnos de los comienzos artísticos de pueblos cuyo arte deja una evolución, encontramos confirmada la suposición de que los primeros produtos no son naturalistas, sino de tipo ornamental-abstrato. Los principios del afán estético tienden hacia lo lineal-inorgânico, contrario a toda proyección sentimental" (W. Worringer - "Abstracción y Naturaleza" - F.C. Econômica - Mexico - B. Ayres 1953 - pag. 65).

Já para Haddon os estilos em artes plásticas partem da representação realista para a forma simbólica, passando por etapas de desenvolvimento. De início, as representações eram feitas com o intuito de retratar a vida ou sugerir objetos reais. Se o objetivo não era alcançado, sua causa deve ser procurada na incapacidade ou despreparo do artista, ou na insuficiência de seus instrumentos de trabalho. O virtuosismo técnico foi, afinal conseguido,

graças aos esforços de muitas gerações. Tal apogeu poderia ser situado no Madaleniano. A fase de interpretação livre, tendendo a simplicação formal plástica para o completo simbolismo viria logo a seguir. (A.C. Haddon - "Evolução em Arte" - Londres, 1914 - citado por Melville de Herskovits em "El Hombre y sus Obras").

Na realidade, são essas as fases que notamos na evolução da arte Prehistórica, desde os primeiros passos do período Aurinaciano, o apogeu do Madaleniano e a brusca transição geometrizante. Apesar de contestadas por alguns estetas, estas são as conclusões a que chegaram vários antropólogos.

Se bem que não possamos comparar as produções artísticas da criança ou do homem primitivo contemporâneo com as do homem prehistórico, não há a negar que a gênese da arte se processou, em linhas gerais, tal como se dá com a criança. A êste respeito, Hauser emite o seguinte juizo:

> "Os desenhos das crianças e as manifestações artísticas dos atuais povos primitivos são racionais e não sensoriais: revelam o que a criança e o primitivo conhecem, não o que no momento vêm; dão-nos uma concepção teórica e estética do objeto e não uma sua representação ótica e orgânica" (Harnold Hauser - "Historia Social da Arte e da Cultura" pg.10)

No caso do homem das cavernas, "o dualismo do visível e do invisível, do que é visto e do que é simplesmente conhecido, é lhe totalmente estranho" (idem, ibidem).

No período Aurinaciano inferior, médio e superior, a arte caracteriza-se pela forma lineal, quase sempre gravada sôbre osso, marfim e algum rupestre e seus utensílios cortantes limitam-se à ponta de pedernal do tipo da "Gavette", punção e raspador de pedernal.

Os desenhos, geralmente, representam animais e são rudes em sua grafia, o que deve ser atribuido não apenas à incapacidade técnica do executante como também à insuficiência instrumental. Executados dentro do realismo, chegam muitas vêzes a sugerir até a profundidade, como, por exemplo, o "Mamut", mural da caverna de Dordogne (França), o "Rinoceronte Lanudo" de Font de Gaume, tambem na Dordogne os esboços de cabeças de cavalos do acervo antigo da cova de Altamira, na Provincia de Santander (Espanha).

A obra escultórica dêsse período limita-se, de preferência, a pequenas peças móveis executadas no marfim, pedra e, às vêzes, em terra cota. A mais citada é a célebre "Venus de Willendorf", encontrada na Austria, em 1908 por Obermaier. Reproduz na pedra calcárea, as formas de uma mulher de adiposidades fartas, seios volumosos. A face, em contraste com o tratamento minucioso do cabelo, é extremamente simplificada.

Outro espécime que merece ser citado é a "venus de Lespugne", encontrada no sul da França, e que poderia ser considerado mais perfeito do ponto de vista artístico. Pequena de dimensão (apenas 14,7 cms.), executada em marfim, representa a figura de uma mulher de pé, braços colados ao corpo. Como no exemplar aci-

ma mencionado, constata-se uma esteatopigia exagerada, seios volumosos e pendentes sôbre o abdome e os caracteres sexuais secundários evidentes. A cabeça, como em tôdas as obras dêsse período, é impessoal, simplificada.

Nos exemplares de Grimaldi (Saviniano - sul - Ponaro) da Itália Setentrional chamam a atenção do estudioso as formas esteatopígicas e os caracteres africanos. Nesse acêrvo incluem-se formas em relêvo representando cavalos e outros animais encontrados em Predmost, na Moravia (Alemanha meridional).

Não obstante ser o desenho o nosso objetivo, referimos os exemplos acima para acentuar que, no Aurinac ano, predominou a figura humana, principalmente a feminina, sendo a mesma reproduzida de maneira plástica e realística, enquanto que, nos demais períodos subsequentes, predominam as figuras de animais.

No Solutreano aparecem os desenhos de animais sôbre lousas de pedra e, algumas vêzes, com os contornos bem gravados. São frequentes os desenhos superpostos numa mesma superfície, como se fossem resultado de estudos.

Das peças gravadas em ossos, a que representa a luta entre bisontes, encontrada na Cova de Pekarna (Morávia) e a do bisonte gravado em pedernal plano, proveniente de Laugerie Bassa (Dordogne), apesar de pequenas, dão-nos um atestado de como evoluiu o desenho no sentido do realismo. Nelas transparece já um avançado domínio técnico que chega às raias do virtuosismo. A composição é harmoniosa e a anatomia bastante sugerida.

Nítida evolução pode ser constatada nas produções encontradiças nas cavernas espalhadas pela Europa, através de uma simples comparação entre os desenhos dos períodos mais remotos e os mais recentes, isto é, entre os do Aurinaciano, Solutreano e Madaleniano. Êsses trabalhos, muitas vêzes, embora executados em diferentes épocas, estão superpostos.

Na opinião de Casteret, "faz-se necessário chegar à época Solutreana e sobretudo Madaleniana, para constatar-se a fatura precisa do desenho, chegando-se mesmo a tornar-se impecável(Norbert Casteret - "Diez años bajo tierra" - Ed. Nacional Madrid - 1943). O mesmo autor acrescenta que são êsses os períodos das belas artes prehistóricas em que os artistas adornavam cada vez mais seus objetos e utensílios, suas grutas, tudo de maneira muito profusa, o que sòmente poderia ser explicado por motivos religiosos ou mágico.

Analisando a "Rena Pastando", obra encontrada em Thayngen (Suiça), Casteret chega à conclusão de que a maestria dos artistas da época, criando técnicas atrevidas e, à primeira vista, até inverossímeis, poderia quase ombrear com a que floresceu no nosso século, com as escolas modernas e futuristas.

Apesar de rudes, os artistas prehistóricos demonstram, através de suas obras, haver conseguido uma educação visual que nada fica a dever à dos artistas civilizados. Sem possuir o imenso arsenal de instrumentos de trabalho que hoje está à nossa disposição, conseguiram em seus desenhos, chegar à síntese da linha. Com essa simplificação formal puderam dar às figuras não apenas

proporções harmoniosas, como também expressão e movimento.

No período Madaleniano, considerado o do apogeu artístico, a forma linear das figuras se acrescenta a côr, com o que se atinge a expressão máxima. Os murais de Altamira são os mais célebres exemplares desse período.

Segundo Lincoln Barnett (La epopeya del hombre - Life - 1955), tais murais devem ser atribuidos a artistas da raça Chancelade que habitaram a Europa ocidental, no período Madaleniano.

Em Altamira estão representados não apenas motivos realísticos, como também objetos simbólicos ou convencionais.

Compreendem produções de três períodos, sendo a última fase caracterizada pelo modelado e pela policromia.

Com Obermaier consideramos êsses trabalhos como altamente fieis à natureza e nele entrevemos algo mais além dessa fidelidade puramente formal: sugerem não apenas uma interpretação livre, em certos exemplares, como também uma capacidade criadora assombrosa.

Digno de nota é o fato de o artista prehistórico valer-se das convexidades da superfície em que executa suas pinturas ou desenhos para emprestar maior realismo às figuras. Exemplos magníficos são o "bisonte repousando" e a "gazela", ambos nas cavernas de Altamira.

Não estão acordes os estudiosos em tôrno dos motivos que teriam levado o homem prehistórico a produzir trabalhos artísticos. Há os que acreditam que essa arte foi executada por simples prazer e deleite (arte pela arte) e há os que defendem a teoria da "arte mágica" e utilitária. Pintar ou desenhar o ani-

mal visado na própria caça, seria, graças a poderes mágicos, a maneira precisa de o matar por antecipação, seria garantir o êxito da caçada.

O fato de essas obras terem sido, quase sempre, realizadas em locais escuros e de difícil acesso parece robustecer a teoria da arte mágica. Acresce ainda que há uma predominância permanente de figuras de animais cercadas, muitas vêzes, de mãos humanas. Animais há que apresentam flexas ou estigmas ou ainda mutilações - misteriosas. Em Montespan foi descoberta uma curiosa escultura de urso, sem cabeça, tendo ao lado um crâneo autêntico do animal, possìvelmente para lhe ser ajustado, no momento do ritual mágico.

Valeria frizar que, ainda hoje, certas tribus selvagens - praticam essa arte mágica, com intuito de conseguir caça abundante, chuva, curas, etc. Frobenius descreve, com minúcias os preparativos de uma caçada entre os pigmeus africanos. Desejando dar caça a uma gazela, na véspera desenharam-na no chão, dansaram em seu redor enquanto o feiticeiro a flexava repetidamente. Efetuada, posteriormente a caça da gazela, tinham o cuidado de espargir seu sangue sobre o desenho e cobrí-lo com sua pele, com o que se consumava a magia.

Considere-se a arte prehistórica como tendo executada por deleite ou com finalidades utilitárias, o fato é que, levando-se em conta as limitações de seu executor, representa algo que não é inferior ao deixado pelos seus descendentes.

O homem prehistórico concebeu uma maneira própria de representar o que sua aguda percepção visual lhe apresentava. Seu trabalho foi dirigido no sentido de exprimir a realidade objetiva. Essa arte figurativista teve na forma do desenho sua realização máxima.

Mas o tempo passa, a vida se renova e, com ela, a arte também. Ao Paleolítico sucede o Neolítico. As condições mesológicas impuseram ao homem novos generos de vida, novas atividades, novas migrações. Deixando o nomadismo, o homem se fixa à terra e dela começa a tirar o seu sustento, mediante uma agricultura ainda que rudimentar. Indústrias caseiras, como a cerâmica e a tecelagem, tem seu início e rapidamente se desenvolvem. Sedentario, garantido contra as inclemencias do tempo e contra a fome, poude o "Homo Sapiens" voltar-se para si mesmo, para a propria alma. Suas faculdades superiores, isto é, seu intelecto, sua memoria, sua vontade, podem ter agora um tratamento que antes era dificil. Com o desenvolvimento de seu raciocinio, aprendeu a abstrair, a simplificar, a comparar e inferir conclusões. Essa transformação é refletida nas suas produções artisticas. A fiel imitação da natureza começa a ceder lugar às abstrações. Os animais ou objetos já começam a ser representados por desenhos ou pinturas que apenas lembram ou sugerem sua imagem.

A arte experimentava, então, sua primeira e grande mudança de estilo.

ABSTRACIONISMO NA ARTE NEOLÍTICA

Difícil tarefa seria estabelecer os princípios que presidiram a evolução da arte do realismo para o geometrismo, ou do realismo para o abstracionismo.

Melville J. Herskovitz inclina-se a crer que os fatores como a pressa, o uso inadequado dos materiais disponíveis, a abreviação calculada de determinados detalhes pode fazer com que uma forma concebida como realista se desdobre em variantes convencionais e simbólicas. Uma combinação de linhas, as protuberâncias de uma rocha ou qualquer outro gênero de forma casual podem sugerir a um imaginativo um determinado significado que, pouco a pouco é aceito pelos demais membros do grupo ("El hombre y sus obras" - F.C. Econômica - Mexico - B. Aires - 1952).

Autores há que condicionam totalmente a arte às condições mesológicas e às influências sociais. Admitimos que, realmente, o formalismo plástico artístico foi sensivelmente influenciado pelas mudanças, não só do ambiente, como do gênero de vida do homem prehistórico.

Charles R. Knight, referindo-se ao Neolítico, diz que "o espírito artístico desse período não sucumbiu, em realidade, nos processos mentais do homem, se bem tenha, de vez em quando, sofrido várias quedas, por motivos sôbre os quais só podemos fazer conjecturas. O fenômeno de seu rejuvenescimento é igualmente obscuro porque nunca houve uma necessidade absoluta da arte na vida de um povo" ("El hombre prehistórico" - Ed. Espasa-Cal-

pe - 1951 - pg. 140). Essa última afirmativa de Knight é contestada por Conrad Fiedler, de maneira veemente: "a arte foi e é instrumento essencial no desenvolvimento da consciência humana" (apud Herbert Read in "Imagen Y Idéa" - F.C. Econômica - México -B. Aires - 1957). E, partindo dêsse princípio, pretende demonstrar que foi através da arte que o homem poude compreender a natureza.

Ainda não dispomos de elementos seguros para calcular os séculos ou milênios de transição entre o apogeu das produções realistas do Paleolítico e as realizações de Neolítico. Nem mesmo é possível precisar se os artistas deste último período descendem dos daquele outro.

O fato entretanto, de se acharem reproduzidas, nas paredes das cavernas, figuras estilizadas entre figuras naturalísticas leva-nos a acreditar que a passagem de um estilo para outro tenha se verificado lentamente.

Constata-se, de maneira geral, uma curiosa transformação: nos interiores, as figuras, quase sempre isoladas são naturalísticas, de grandes dimensões e aspecto quase monumental: nos exteriores, aparecem em grupos, sugerindo mesmo uma composição, são diminutas no tamanho e nelas predomina a estilização, a esquematização, a abstração. E chega-se à seguinte conclusão paradoxal: longe dos modelos, o artista faz obra realística, valendo-se exclusivamente da cuidadosa observação da natureza, fixada em sua memória, e, tendo seus modelos à mão, à luz do dia, prefere estilizá-los através de processos evidentemente de abs

tração.

No Paleolítico, a arte era oculta pela magia. No Neolítico, com as transformações sociais, a magia foi sendo superada: a figura do homem nao precisava mais ficar oculta, tanto que aparece, indistintamente, em cenas de caçadas, combates, danças, etc. Haja vista para os interessantes trabalhos encontrados na caverna de Cigle de la Mola Remigia, conhecidos por "uma cena de caça" "Caçadores guiados por um chefe" e o existente na cova da "Aranha", conhecido por "a recoletora de mel".

A composiçao surgiu, provàvelmente, como reflexo da organização social que entao se aperfeiçoava.

Contràriamente ao que acontece com os desenhos do Paleolítico que sao, em muitos casos, tridimensionais, os do Neolítico, quase sempre, sao bidimensionais e monócromos.

A ornamentaçao geometrica deriva das deformações mais ou menos grandes dos elementos importantes, e a supressao dos elementos de menos importância conduz a ideoplastia esquematizada. As proporçoes reais se alteram entao e dao nascimento às relações (Adolphe Basler - "L'art chez les peuples primitifs"- Livraria de França. Paris.

Na última glaciação, as tribus franco-cantábricas e levantinas dispersaram-se em migrações sucessivas, alcançando o Arquipélago Britânico, o norte da África e a Ásia Menor, expandindo-se, a seguir, em várias direções. Em consequência, hoje, os restos dêsses povos são encontrados em diferentes lugares, classificando-se como sendo provenientes de vários períodos, desde a idade da pedra lascada até a idade do ferro, passando pela do bronze.

Culturas avançadas como, por exemplo , a sumeriana, babilônica, assíria, fenícia e egípcia foram contemporâneas de outras - que se arrastavam ainda na fase do Neolítico.

Em certas regiões da África, Oceânia, Austrália e América há ainda povos que se classificam como primitivos, estando na fase neolítica. Sua arte, entretanto, comparada com a que nos referimos neste trabalho, deve ser considerada como decadente.

No Pacífico, em época recente, criaram os Maoris da Nova Zelândia uma arte originalíssima, tornando-se exímios entalhadores de madeira. Insulados durante séculos numa área pequena e pobre de fauna, desenvolveram sua arte no sentido principal da decoração. Servindo-se de temas pouco variados, empregaram, por exemplo, a figura humana ou a de pássaros sôbre fundos talhados em formas abstratas.

Embora se torne difícil cronometrar o desenvolvimento dos aborígens, de uma maneira geral, principalmente dos americanos,as descobertas arqueológicas, não obstante, nos tem revelado obras -

valiosas. Haja vista, por exemplo, para os objetos de madeira entalhada, para os instrumentos ou adornos de cobre, para os trabalhos de cestaria e tecelagem. Nos seus túmulos cônicos de pedra, foram encontrados objetos de cobre, jóias incrustadas em relêvo, os célebres "cachimbos de pedra", trabalhados com motivos humanos e da fauna, de madeira eminentemente naturalística. O desenho geométrico, entretanto, é empregado largamente nos utensílios domésticos, na cestaria e na tecelagem.

Na África, as culturas do Neolítico são inúmeras. Obras negro-africanas fazem parte, hoje, de quase todos os museus de arte do mundo. Remontando a mais de um milênio antes de Cristo, essas culturas tiveram seu apogeu artístico entre os séculos XII e XV. Entre as mais importantes citam-se as de Yorubá e Beni, constituindo as esculturas em madeira e bronze os trabalhos mais expressivos. Depois dêsse período, isto é, depois das grandes descobertas, naturalmente, essas culturas viram-se influenciadas pela cultura européia. Ainda hoje, são notáveis as estatuetas de bronze, pedra ou madeira ou marfim, ricamente decoradas com desenhos ou pinturas geometrizantes, produzidas principalmente pelas tribus da Costa do Marfim, Costa do Ouro, do Sudão, do Congo, etc. Vale notar que tais esculturas são tradicionalmente feitas de madeira primitiva. As figuras e máscaras, por vêzes grotescas ou convencionais na sua maioria, apresentam contudo uma plasticidade expressivamente bela.

Nos movimentos da arte moderna não se pode negar uma grande influência exercida pela arte negro-africana.

CONCLUSÕES GERAIS

As obras plásticas do artista prehistórico e do artista primitivo levam-nos à conclusão de que a arte, apezar de constituir um domínio do inconsciente, jamais atinge seu completo desenvolvimento sem um esfôrço criador que requer a intervenção da consciencia. As disposições inatas completam-se com as qualidades adquiridas mediante a disciplina, a observação atenta e a racionalização. O esfôrço criador nada mais é do que o impulso dado e trnasmitido pelas experiências acumuladas através da idade e, até certo ponto, condicionado às injunções do meio social.

Seria, evidentemente, difícil estabelecer padrões para se aquilatar a capacidade artística da raça Cro-Magnon, Chancelade ou Grimaldi ou dos atuais primitivos, sobretudo levando-se em conta a natureza abstrata do impulso artístico.

Admitimos, com Knight, tenha havido um misterioso esfôrço na produção estética das imagens impostas ao espírito, ocorrendo, durante largo período da história da Humanidade, uma tendência e motiva.

"A arte Paleolítica, escreve o autor citado, reproduz as cousas com exatidão e realidade, enquanto que a arte Neolítica o põe à realidade empírica um super-mundo"

À vista do acervo artístico que nos legou a Humanidade, desde as mais recuadas idades, inclinâmo-nos a crer que o artista tanto pode servir-se do figurativismo como do abstracionismo para atingir um fim artístico determinado. Não incidimos, entretan

to, no êrro de afirmar que uma produção, seja de desenho, pintura, escultura, etc., eleva-se à categoria de obra artística pelo simples fato de ser perfeitamente semelhante ao modêlo ou pelo fato de o abstrair total ou parcialmente. E nem acreditamos que a simples virtuosidade técnica empreste valor artístico a um assunto real ou imaginário.

Ao artista compete criar formas autênticas de valores subjetivos e projetá-los utilizando-se, para tanto, dos melhores processos técnicos: dentro do figurativismo, lança-se na busca dos valores formais da natureza, considerando-os nas suas vivências externas, não devendo, contudo, cingir-se totalmente às mesmas; já no abstracionismo, os valores formais que haja captado êle os transformará em signos e abstrações. A natureza será, então, por êle subjugada aos seus caprichos e à sua imaginação.

Figurativismo e abstracionismo existiram na arte prehistórica e devem ser considerados como o prenúncio das manifestações estilísticas do futuro. Em qualquer época ou lugar onde esteja o homem, a arte estará presente e o seu conteúdo refletirá sempre um dos mencionados conceitos.

B I B L I O G R A F I A

Adolphe Basler - "L'art chez les peuples primitifs"
Livraria da França - Paris.

Charles R. Knight - "El Hombre Prehistórico"
Espasa - Calpe - Argentina, S.A. 1951.

Condo de Listowel - "Historia Critica de la Estética Moderna"

C.W. Ceram - "Deuses, Túmulos e Sábios".
Edições Melhoramentos - 5a. Edição. 1956.

D.D. Nunes - H.G.Shrickel - "Enciclopedia de las Artes"
Liberia Editorial Argos S.A. - Barcelona

Doré Ogrizek and Paddy O'Hanlon - "South and Central Africa"
McGraw-Hill Book Company Inc.
New York - 1954

Elie Faure - "Historia del Arte" - "El Espiritu de las Formas"
Editorial Poseidon

Harnould Hauser - "Historia Social da Arte e da Cultura"
Lisboa - Jornal do Foro - 1954.

Herbert Head - "Educacion Por El Arte"
Editorial Paidos - B. Aires.

Herbert Head - "El significado del Arte"
Editorial Losada - S.A. - B. Aires - 1954

Herbert Head - "Imagem e Idea"
Breviarios del Fondo de Cultura Económica
Mexico - 1957.

Joannes Maringer y Hans G. Bandi em continuacion de un projeto de Hugo Obermaier - "Arte Prehistorico" - Ed. Holbein - Basilea - 1952.

J. Perez de Barradas - "Manual de Antropologia"
Cultura Classica y Moderna - Madrid - 1946.

Lionello Venturi - "Historia de la Critica de Arte"
Editorial Poseidon - B. Aires - 1949

Mário Dionisio - "Paleta e o Mundo"
Publicações Europa - América, Lisboa

Max Bense - "Estética"
Editorial Nueva Visión - B. Aires

Melville de Herskovits - "El Hombre y sus Obras".
Fondo de Cultura Economica - B. Aires
1952.

Sheldon Scheney - "História da Arte".
Livraria Martins Editora S.A. - S.Paulo.

Unesco - "Art et Education"
Publication de fevrier, 1954.

W. Worringer - "Abstraccion y Naturaleza"
Previarios de Fondo de Cultura Economica
Mexico - 1953.

ÍNDICE

	Pág.
Introdução	1
Figurativismo e Abstracionismo	4
Prehistória.	6
Figurativismo na Arte do Paleolítico	10
Abstracionismo na Arte Neolítica	19
Conclusões Gerais.	25
Bibliografia	27